

Culturas em Diálogo

**BIBLOS**

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  

---

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Virgínia Soares Pereira, *Plínio-o-Moço*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000, 80 p.

A epígrafe ao título, "um homem a quem a fortuna sorriu", resume com precisão a imagem de Plínio-o-Moço que Virgínia Soares Pereira explora em dimensões multifacetadas, seja a do político (homem de confiança de Trajano), a de orador e advogado, de administrador de numerosos bens pessoais e de cultor apaixonado do *otium litteratum* - esta última faceta, generosamente complementada com iniciativas de interesse colectivo (criação de escolas e bibliotecas) e de Protecção mecenática a talentos literários como Suetónio e Marcial.

Na análise que a A. apresenta da Correspondência (nove livros de cartas privadas e um último de missivas oficiais trocadas com Trajano) encontraremos talvez as razões por que, de uma actividade literária igualmente variada, quase só as Cartas nos chegaram: os paralelos inevitáveis com Cícero (modelo confesso de Plínio), que a correspondência privada insinua já, terão colhido vantagem, não na oratória ou na actividade política, e sim na definição de um modelo de ars epistolar (p.43), que nele teve o seu primeiro cultor e, de algum modo, teorizador.

Em oposição à epistolografia torrencial de Cícero, reflexo espontâneo de acontecimentos ou preocupações vividas no imediato, as missivas de Plínio destinam-se a "dar a conhecer o seu pensamento", numa gestão criteriosa de temas e destinatários, em que os últimos eventualmente assumem a condição de meros "dedicatários" de textos, para os quais se previa uma divulgação semipública ou mesmo publicação (pp. 42-47). A A. não vê neste facto razões para duvidar da veracidade factual da correspondência (algumas referências concretas são mesmo hoje abonadas por achados recentes, cf. pp. 31 e 42) nem da ordenação cronológica que os livros sugerem. Acentua, por outro lado, a confluência de hábitos culturais da época, que justificam a apropriação literária de um meio de comunicação, até aí reservado (não obstante as Cartas a Lucílio de Séneca...) a assuntos de ordem imediata: caso, por exemplo, das recitationes, que permitiam estreitar à distância os laços entre membros de determinado círculo literário (p.65); ou a difusão de uma retórica da urbanidade (p.47) que, à proibição de "mal-dizer", associava o culto do "dizer arguto" - por vezes epigramático, à maneira de Marcial -

especialmente adequado a um nível de literariedade discreto, como é o das Cartas de Plínio ( são disso prova as remissões constantes, incluídas ao longo do volume em excelentes versões, bem como a mini-antologia que o finaliza - e que se lamenta apenas não incluir a famosa carta a Tácito sobre a erupção do Vesúvio, que vitimou Plínio-o-Velho).

Nesse molde de urbanidade, reportável a uma qualidade superior, humanitas, enquadra a A. as múltiplas actividades de uma vida preenchida e generosa, que os capítulos iniciais explicitam com algum pormenor (sobretudo pp. 16-34); uma síntese talvez não possível ou não tão conseguida, como se sugere (pp. 14 e 32), não fora o meio privilegiado em que nasceu e a estabilidade social e política, proporcionada pelo Optimus princeps (Trajano), que o Panegírico exalta.

Deste modo, para lá do estrito interesse histórico ou literário (ou ambos) da Correspondência e, em menor latitude, do Panegírico (cf. pp.73-75, "Sobrevivência de Plínio"), há a reter a imagem de uma personalidade modelar pelo seu humanismo, a quem se toleram as pequenas vaidades pela forma como logrou utilizar as vantagens de que fora dotado e merecedora, não menos que a obra, do iudicium posteritatis. Desiderato a que a A. faz jus, neste estudo de divulgação, onde a qualidade informativa, a clareza da exposição e a subtileza de observações várias são potencializadas por uma discreta empatia, que se transfere sem custo ao leitor.

Maria Teresa Schiappa